

A CURADORIA DIGITAL DE CONTEÚDOS NO ÂMBITO EDUCACIONAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS COM O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA).

Gisele dos Santos Ribeiro ¹
Carlos Felipe da Silva Melo ²

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o uso da inteligência artificial (IA) na prática da pesquisa no contexto escolar, com foco no acesso à informação, nos processos de curadoria e na aprendizagem. Com o avanço das tecnologias digitais de informação e comunicação, as ferramentas de busca tornaram-se cada vez mais acessíveis. As antigas enciclopédias foram substituídas por sistemas de armazenamento em rede, potencializados por ferramentas de IA capazes de processar grandes volumes de dados e otimizar os feedbacks por meio do Big Data.

Entretanto, embora a IA facilite o processo de curadoria de conteúdos digitais, também pode reduzir a prática da leitura crítica, da contextualização, da análise e da síntese, ao fornecer informações e materiais já previamente filtrados/curados.

A pesquisa teve como objetivos compreender os aspectos positivos e negativos que a IA oferece ao processo de curadoria digital no ambiente escolar; investigar quais inteligências artificiais são mais utilizadas pelos discentes; identificar os desafios e as perspectivas para o processo de aprendizagem mediado pela IA; e analisar o desempenho dos alunos na compreensão de conteúdos obtidos por meio da curadoria digital com o auxílio dessas tecnologias.

Foram utilizados questionários com o objetivo de sondar o uso de ferramentas de IA em sala de aula, especialmente nas atividades de estudo e pesquisa. Esses instrumentos permitiram identificar as plataformas mais utilizadas pelos alunos, bem como suas percepções sobre os benefícios e desafios do uso da IA no contexto educacional.

¹ Professora de Língua Portuguesa da SEDUC/AM; Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA, sele.discipuladora@gmail.com;

² Professor de Língua Inglesa da SEDUC/AM; Especialista em Letramento Digital pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA, carlos.felipe.edu20@gmail.com.



METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa foi realizada com 100 alunos do Ensino Médio de uma instituição escolar. Participaram estudantes das 2ª e 3ª séries, que contribuíram em diferentes etapas do estudo, desde a aplicação dos questionários até a realização das atividades práticas com o uso de ferramentas de Inteligência Artificial (IA).

Inicialmente, realizou-se a aplicação dos questionários junto aos participantes. Em seguida, foi ministrada uma aula sobre Curadoria Digital, considerada uma etapa essencial do estudo, pois possibilitou aos alunos compreenderem conceitos fundamentais como Inteligência Artificial, curadoria, prompt, além das vantagens e desvantagens do uso dessas tecnologias. Durante essa aula, os estudantes tiveram a oportunidade de distinguir imagens e vídeos produzidos por IA daqueles criados sem o uso dessas ferramentas, desenvolvendo, assim, uma visão mais crítica sobre o conteúdo digital.

Para fins avaliativos, foi proposta uma atividade prática na qual os alunos, a partir de um comando, deveriam produzir um texto com o auxílio de uma ferramenta de IA. Posteriormente, realizaram a curadoria lexical do texto, substituindo palavras fora do seu vocabulário usual por sinônimos adequados. Essa atividade teve como objetivo comparar as diferenças entre o texto original gerado pela IA e a versão revisada após o processo de curadoria, promovendo a reflexão sobre autoria, linguagem e aprendizagem mediada por tecnologias inteligentes.



REFERENCIAL TEÓRICO

Embora o termo “inteligência artificial” tenha sido cunhado e formalizado por John McCarthy *et al.* (1956) durante a Conferência de Dartmouth — evento que reuniu matemáticos, cientistas da computação e engenheiros —, as bases conceituais da área já haviam sido lançadas anteriormente por Alan Turing (1950). Em seu artigo visionário “*Computing Machinery and Intelligence*”, Turing propôs que seria possível, utilizando apenas sequências binárias (0 e 1), construir máquinas capazes de resolver qualquer problema solucionável por um ser humano. Esse artigo tornou-se um marco histórico para o desenvolvimento da Inteligência Artificial, pois introduziu discussões fundamentais sobre a capacidade das máquinas de simular o pensamento humano, além de propor o célebre Teste de Turing, método criado para avaliar a inteligência de sistemas computacionais.

A partir desses estudos teóricos, Turing contribuiu para o avanço das máquinas de processamento lógico e para o desenvolvimento da primeira máquina eletromecânica capaz de decifrar o código Enigma, utilizado pelo exército alemão durante a Segunda Guerra Mundial. Tal feito consolidou sua posição como um dos precursores da computação moderna e da inteligência artificial.

Sabe-se que, com o advento e o constante aprimoramento das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), a produção de conteúdos — como textos, imagens, vídeos e áudios — tornou-se mais acessível. Paralelamente, o acesso à informação e o compartilhamento de dados passaram a ocorrer de forma quase instantânea (MELO; ANDRADE, 2022, p. 2-3).

Segundo Eysenck e Eysenck (2023, p. 40), “uma área de processamento de linguagem em que a IA tem se mostrado cada vez mais bem-sucedida é a tradução de textos (como documentos) de uma língua para outra”. As considerações de Eysenck e Eysenck (2023) evidenciam um dos avanços mais notáveis da Inteligência Artificial: o processamento de linguagem natural (PLN), especialmente no campo da tradução automática. Essa capacidade demonstra o quanto os algoritmos de IA evoluíram na compreensão semântica, sintática e pragmática das línguas, permitindo que sistemas computacionais realizem traduções com crescente precisão e fluidez. Tal avanço não apenas amplia o acesso à informação em diferentes idiomas, mas também reduz barreiras linguísticas e facilita a comunicação global, aspectos essenciais em um mundo cada vez mais interconectado.



Nesse mesmo sentido, Andrade e Nicolas (2025, p. 3) afirmam que “a IA possui diversas aplicações no ambiente educacional, como assistentes de escrita, ferramentas de tradução, plataformas de ensino adaptativo e sistemas inteligentes de avaliação”. Nessa mesma linha, Andrade e Nicolas (2025) ampliam a discussão ao destacar que a IA possui múltiplas aplicações no ambiente educacional, como assistentes de escrita, ferramentas de tradução, plataformas de ensino adaptativo e sistemas inteligentes de avaliação. Tais recursos transformam o processo de ensino-aprendizagem ao oferecer experiências personalizadas, apoio imediato e aprendizagem contínua. No contexto escolar, a IA pode atuar como mediadora entre o estudante e o conhecimento, proporcionando um aprendizado mais dinâmico, inclusivo e adequado às necessidades individuais.

Dessa forma, observa-se que tanto os avanços na tradução automática quanto as demais aplicações educacionais da IA representam um marco na integração entre tecnologia e educação, promovendo não apenas a eficiência na produção e compreensão textual, mas também novas possibilidades pedagógicas voltadas ao desenvolvimento da autonomia e da competência digital dos alunos.

Ao ser apresentado, o ChatGPT surpreendeu a todos, em especial o mundo da educação. De imediato, os educadores observaram que, notoriamente, não se tratava de uma mera ferramenta, similar ao lançamento da calculadora eletrônica, tampouco de trivial aprimoramento digital. O próprio nome evidencia a completude: IA generativa (FAVA, 2025).

A chegada de ferramentas como o ChatGPT também despertou preocupações éticas, pedagógicas e cognitivas. Embora ofereça novas possibilidades de acesso ao conhecimento e de apoio à produção textual, sua utilização indiscriminada pode comprometer o desenvolvimento do raciocínio crítico, da autonomia intelectual e da autenticidade autoral dos estudantes. Muitos usuários tendem a aceitar as respostas da IA como verdades absolutas, sem questionar suas fontes, limitações ou possíveis vieses. Nesse sentido, cabe à escola e aos educadores assumir o papel de mediadores conscientes, orientando o uso responsável dessas tecnologias, de modo que o ChatGPT e outras ferramentas de inteligências artificiais generativas sejam compreendidos não como substitutos da aprendizagem humana, mas como ferramentas de apoio à construção do conhecimento e ao exercício da reflexão crítica.

Segundo Baker e Siemens (2014) foi com os avanços recentes em Machine Learning, Processamento de Linguagem Natural (NLP) e a disponibilidade de grandes volumes de dados educacionais (Big Data) que o potencial da IA para uma personalização



mais profunda e dinâmica se tornou mais palpável. Nesse contexto, o papel do professor torna-se ainda mais relevante, não como mero transmissor de informações, mas como curador e mediador crítico do conhecimento. A curadoria digital, nesse cenário, surge como competência essencial, permitindo ao educador selecionar, analisar e validar os conteúdos gerados ou sugeridos por sistemas de IA. Embora as tecnologias possam personalizar percursos de aprendizagem e otimizar a gestão do ensino, é o professor quem garante a dimensão humana, ética e interpretativa do processo educativo. Assim, a integração entre IA e prática pedagógica deve ser orientada por princípios de reflexão crítica, autonomia e formação cidadã, assegurando que a personalização proposta pelas máquinas não substitua o discernimento humano, mas o complemento. Dessa forma, a IA pode ser compreendida como uma aliada do educador na construção de aprendizagens mais significativas, contextualizadas e socialmente responsáveis

A inteligência artificial (IA) está cada vez mais integrada ao cotidiano, influenciando de forma direta e, muitas vezes, imperceptível, nossas decisões e comportamentos. Utilizamos sistemas inteligentes ao programar itinerários pelo Waze, realizar buscas no Google ou receber recomendações personalizadas de filmes e músicas em plataformas como Netflix e Spotify. Além disso, a Amazon analisa padrões de consumo e preferências por meio do fluxo de dados gerado nas interações dos usuários, ajustando continuamente suas sugestões de produtos. Conforme destaca Kaufman (2022, p. 25), os algoritmos também mediam as interações nas redes sociais, determinando, por exemplo, quais conteúdos serão exibidos no feed de notícias do Facebook. Essa presença constante da IA demonstra como as tecnologias de aprendizado de máquina passaram a intermediar as relações humanas, o acesso à informação e o consumo cultural, moldando comportamentos e ampliando a dependência dos indivíduos em relação aos sistemas automatizados. Embora tais recursos otimizem tarefas e proporcionem experiências personalizadas, também levantam questões éticas e sociais sobre privacidade, manipulação de dados e autonomia do usuário, exigindo uma reflexão crítica sobre os limites e responsabilidades no uso dessas tecnologias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos cem alunos entrevistados, 93% afirmaram já ter utilizado ferramentas de Inteligência Artificial (IA) para fins de pesquisa em sala de aula. Dentre eles, 70% relataram utilizar a IA para realizar pesquisas escolares, 42% para tradução de textos,



38% para edição ou elaboração de imagens e vídeos, 34% para criação, revisão ou aprimoramento de textos, 24% para resolução de exercícios, tarefas e avaliações, e 11% para curadoria de conteúdos destinados à revisão.

Esses dados demonstram a ampla inserção da IA nas práticas estudantis, indicando que os alunos reconhecem nessas ferramentas um meio eficiente para apoiar suas atividades acadêmicas. No entanto, como destacam Paes e Cândido (2025, p. 87-89), o uso da inteligência artificial na produção de materiais didáticos e atividades pedagógicas não garante, por si só, a qualidade, a pertinência e a eficácia do processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, cabe ao docente assumir o papel de curador das informações, responsabilizando-se pela validação, adaptação e ressignificação dos conteúdos gerados, imprimindo sua autoria pedagógica e intencionalidade formativa. Assim, a presença da IA no ambiente escolar deve ser compreendida como um recurso de apoio ao trabalho docente, e não como substituto da ação educativa crítica e reflexiva.

De acordo com os resultados obtidos na pesquisa, as ferramentas de Inteligência Artificial (IA) mais utilizadas pelos alunos no âmbito escolar foram: ChatGPT (OpenAI) com 79% de uso, seguido pelo Gemini (Google) com 37%, e LuzIA — inteligência artificial integrada ao WhatsApp e Telegram — com 22%. Outras ferramentas mencionadas incluem a Siri (Apple) com 11,9%, a Alexa (Amazon) com 11,1%, o Copilot (Microsoft) com 5,6%, a Perplexity AI — startup parceira da NVIDIA — com 4%, além do QuillBot e Grammarly, ambos com 1% de uso. Cerca de 15% dos estudantes citaram o uso de outras inteligências artificiais de diferentes plataformas.

Os alunos também mencionaram a Meta AI (integrada ao Facebook, Instagram e WhatsApp) e a Galaxy AI (da Samsung) como ferramentas conhecidas, sobretudo por estarem embutidas nos dispositivos móveis das respectivas marcas. No entanto, observou-se que, mesmo reconhecendo essas IAs, os estudantes demonstraram preferência por plataformas independentes, como ChatGPT e Gemini, que oferecem maior interatividade e versatilidade nas respostas.

Conforme destacam Eysenck e Eysenck (2023, p. 113), é importante diferenciar os *chatbots* de domínio fechado, que são limitados a responder determinadas palavras-chave, dos *chatbots* de domínio aberto, capazes de conduzir diálogos sobre diversos assuntos. Para os autores, assistentes virtuais como o Watson (IBM), Alexa (Amazon) e Siri (Apple) se enquadram majoritariamente na categoria de domínio fechado, enquanto ferramentas como o ChatGPT e o Gemini representam modelos de domínio aberto, com maior potencial de aprendizado interativo e aplicação educacional.



Algumas aplicações da IA já podem nos ajudar na educação. Ambientes Virtuais de Aprendizagem, também chamados de Learning Management System (LMS), são sistemas que podem captar e armazenar informações sobre os estudantes (...). Esse modelo pode ser utilizado para personalizar o processo de aprendizagem, ou seja, para fornecer itinerários que possibilitem melhor adaptação do conteúdo ao nível de conhecimento do indivíduo, além de fornecer feedbacks importantes ao professor (VICARI, 2023, p. 22).

Os resultados da pesquisa indicam que 67% dos estudantes consideram que o uso da Inteligência Artificial (IA) contribui para a melhoria do processo de aprendizagem, enquanto 78% reconhecem que o uso frequente dessas ferramentas pode gerar dependência ou acomodação intelectual. A maioria dos participantes destacou a importância de manter um uso equilibrado da IA, de modo que a tecnologia funcione como aliada, e não como substituta das capacidades cognitivas humanas. Além disso, 23% dos alunos afirmaram que a IA traz benefícios diretos à aprendizagem, ao passo que 7% apontaram possíveis prejuízos decorrentes de seu uso. Apesar dos benefícios identificados, o dado que revela que 78% dos alunos percebem o risco de dependência e acomodação intelectual diante do uso frequente da IA merece especial atenção. Tal percepção demonstra que, embora a tecnologia seja vista como um recurso facilitador, existe uma consciência crescente sobre seus possíveis impactos negativos no processo de aprendizagem.

Entre os principais benefícios identificados, destacam-se: agilidade na realização de tarefas (55%), apoio nos estudos (38%), facilidade na comunicação e tradução (36%), inovação tecnológica (34%) e aumento da produtividade (24%). Esses dados evidenciam que os estudantes reconhecem na IA uma ferramenta capaz de otimizar o tempo, organizar o processo de estudo e ampliar o acesso à informação.

De modo geral, a Inteligência Artificial amplia a eficiência na seleção, organização e sugestão de conteúdos relacionados ao objeto de pesquisa, proporcionando maior rapidez e precisão no tratamento das informações. Contudo, seu uso requer mediação pedagógica e senso crítico, para que a aprendizagem não se restrinja à reprodução automatizada de respostas, mas promova a construção autônoma e reflexiva do conhecimento.

Ao mesmo tempo que o conhecimento informacional é bom, dando voz e acesso a todos, também é desafiador, pois quanto maior o volume de informações ao nosso dispor, maior o nosso esforço para conseguirmos extrair



sentido delas: análises, filtros, tempo etc., levando-nos a uma sobrecarga informacional cognitiva. (GABRIEL, 2021, p. 32).

Nesse cenário, a curadoria de conteúdos torna-se uma competência essencial, organizada em etapas que envolvem seleção, filtragem, análise, organização e compartilhamento de informações relevantes e confiáveis. A primeira etapa, a seleção, exige discernimento para identificar fontes legítimas e pertinentes aos objetivos de aprendizagem. Em seguida, ocorre a filtragem, momento em que o curador avalia a qualidade, a credibilidade e a atualidade das informações coletadas. A etapa de análise e contextualização busca estabelecer relações entre os dados, transformando informações dispersas em conhecimento significativo. Posteriormente, a organização permite estruturar o conteúdo de forma lógica e acessível, enquanto o compartilhamento representa o momento de disseminar o conhecimento validado, promovendo circulação crítica da informação. Assim, a curadoria de conteúdo se consolida como uma prática de mediação do conhecimento, essencial para enfrentar a sobrecarga informacional e transformar o excesso de dados em aprendizado efetivo.

Os algoritmos avançados de inteligência artificial são capazes de processar e analisar grandes volumes de textos, imagens, vídeos e outros formatos digitais em questão de segundos, otimizando o tempo dedicado à pesquisa e ao tratamento da informação. Em virtude do fenômeno do Big Data, a análise massiva de dados heterogêneos e em alta velocidade tornou-se possível, permitindo que a IA gere feedbacks instantâneos, apoie a tomada de decisões — como na seleção e validação de conteúdos — e personalize o processo de aprendizagem conforme o ritmo, os interesses e o nível cognitivo de cada indivíduo. Além disso, essas tecnologias possibilitam a oferta de conteúdos personalizados e multimodais, apresentados de maneira dinâmica por meio de textos, imagens, infográficos, vídeos e hiperlinks, o que contribui para uma experiência educacional mais interativa e adaptativa

Ao mesmo tempo que promovem maior eficiência, essas ferramentas também impõem desafios éticos, epistemológicos e cognitivos que não podem ser ignorados (...). A escolha não está na tecnologia em si, mas na forma como a utilizamos para construir, validar e disseminar saberes (CAVALCANTE; SILVESTRE FILHO; OLIVEIRA, 2025, p. 17-19).

Em relação aos problemas e riscos associados ao uso da inteligência artificial no contexto educacional, a pesquisa revelou as seguintes percepções entre os estudantes: dependência tecnológica (55%), perda da criatividade humana (46%), redução do



pensamento crítico (42%), resultados de pesquisas superficiais ou com informações incorretas (31%), desemprego decorrente da automação e substituição de pessoas por máquinas (22%), falta de ética no uso de dados e fontes (14%) e questões relacionadas à privacidade e ao uso indevido de informações pessoais (12%).

De acordo com Melo e Santos (2025), uma experiência realizada com estudantes do ensino médio evidenciou que muitos alunos apresentam dificuldades em delimitar suas pesquisas em mecanismos de busca, o que resulta em levantamentos menos aprofundados e pouco críticos. Além disso, a utilização de ferramentas de IA tem comprometido o processo de curadoria de informações, uma vez que o aprendiz tende a se afastar de etapas fundamentais para a construção do conhecimento, como a leitura compreensiva, a contextualização, o raciocínio lógico e a capacidade de síntese.

A adoção crescente de modelos de IA generativa intensifica esse cenário, pois, ao oferecer respostas prontas e conteúdos já estruturados, reduz o engajamento cognitivo do estudante, levando à passividade intelectual e à dependência tecnológica. Assim, torna-se essencial que a escola promova práticas pedagógicas que incentivem o uso crítico e ético da inteligência artificial, garantindo que ela funcione como ferramenta de apoio — e não como substituto do processo de aprendizagem humana.

Refletir a respeito da educação aberta e curadoria digital nas práticas de produção de materiais pedagógicos pode ser um caminho para autoria e construção dos docentes em rede, respeitando a sua realidade e as formas de melhor aproveitá-la em atendimento às demandas da cultura digital (BRUNO; VIEIRA NETO; MATTOS, 2023, p. 18).

Refletir sobre a educação aberta e a curadoria digital nas práticas de produção de materiais pedagógicos representa uma oportunidade concreta de ressignificar o papel docente na contemporaneidade. Ao compreender-se como autor e curador de conhecimento em rede, o professor deixa de ser apenas transmissor de conteúdo para tornar-se um mediador ativo e colaborativo na construção do saber. No entanto, essa perspectiva exige mudanças estruturais e formativas, pois demanda autonomia intelectual, domínio das tecnologias digitais e capacidade crítica para selecionar, adaptar e contextualizar informações de maneira ética e significativa. Assim, embora a curadoria digital e a educação aberta ampliem as possibilidades de criação e compartilhamento de saberes, seu real potencial depende da formação continuada e da valorização do docente como protagonista da inovação pedagógica, garantindo que as tecnologias não se sobreponham à intencionalidade educativa, mas a fortaleçam.



Para Cavalcante *et al.* (2025, p. 17) “os riscos relacionados à curadoria algorítmica, à reprodução de vieses preexistentes e ao plágio automatizado levantam preocupações sobre a integridade da produção científica”. Essa questão tem suscitado debates relevantes acerca da autenticidade das respostas geradas por ferramentas de inteligência artificial, levantando dúvidas sobre a originalidade dos conteúdos produzidos e se estes representam elaborações genuínas ou apenas reformulações e compilações de informações disponíveis na internet, o que pode configurar uma forma de plágio digital.

Bakker e Ross (2020) argumentam que “a filtragem algorítmica de informações pode influenciar a maneira como os conteúdos são apresentados e interpretados, reduzindo a diversidade de perspectivas e favorecendo a reprodução de padrões preestabelecidos”. Nesse viés, o uso da inteligência artificial possibilita a identificação de padrões e tendências em grandes volumes de dados, permitindo ao usuário concentrar-se em análises de caráter qualitativo, interpretativo e criativo. Dessa forma, a IA contribui para ampliar e diversificar as perspectivas sobre um determinado tema, ao mesmo tempo em que reduz a ocorrência de respostas repetitivas ou feedbacks redundantes, promovendo uma aprendizagem mais dinâmica e personalizada.

Segundo Bruno *et al.* (2023, p.17) “a potência da curadoria digital está no acesso a várias informações e à seleção do que é de interesse individual e coletivo”. Uma vez curados, os conteúdos podem ser reutilizados e compartilhados, favorecendo o acesso a informações relevantes sobre determinado tema. Esse conhecimento, ao ser organizado e validado, assume valor pedagógico, podendo servir como objeto de aprendizagem e contribuir para a construção coletiva do saber.

O futuro do ensino personalizado com IA no Brasil dependerá da nossa capacidade de navegar com sabedoria entre o potencial da inovação tecnológica e os imperativos da justiça social e de qualidade pedagógica, garantindo que as máquinas sirvam ao propósito de uma educação verdadeiramente humanizadora e emancipadora para todos (SILVA; ALARCÃO; FARIA, 2025, p. 22-23).

Faz-se necessário considerar que a curadoria digital oferece vantagens significativas para o ambiente educacional, contribuindo para a otimização do processo de ensino-aprendizagem e para uma gestão mais eficiente dos conteúdos. Entre os principais benefícios, destaca-se a redução da sobrecarga informacional, ao proporcionar aos alunos um percurso formativo mais claro, estruturado por meio de recursos



previamente selecionados e validados, o que garante maior foco, relevância e qualidade no acesso às informações.

Além disso, a curadoria digital permite que o professor selecione materiais diversificados e adequados às necessidades individuais dos estudantes, atendendo de forma mais eficaz aos diferentes estilos e ritmos de aprendizagem. Ao explicitar os critérios de seleção e filtragem das fontes, o docente também estimula o desenvolvimento da autonomia, da criticidade e da capacidade de avaliação dos alunos quanto à confiabilidade das informações.

Outro aspecto relevante é a economia de tempo proporcionada ao professor na busca e organização de materiais, o que lhe possibilita dedicar-se à contextualização, mediação e aplicação pedagógica dos conteúdos, fortalecendo, assim, a qualidade das práticas educativas. Por fim, a curadoria digital facilita a incorporação rápida de conteúdos e informações atualizadas, mantendo o currículo dinâmico, relevante e conectado à realidade contemporânea, em sintonia com as demandas de uma sociedade cada vez mais digital e informacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inteligência artificial é uma ferramenta promissora para o desenvolvimento de curadoria digital, possibilitando otimizar o tempo dedicado a pesquisa de conteúdos dinamizando a maneira de acessar à informação para transformá-la em conhecimento. Entretanto, é essencial manter o equilíbrio para preservar o papel do curador humano como mediador crítico, garantindo a qualidade na seleção de conteúdos, a veracidade de informações curadas e a ética no processo de curadoria (evitando o plágio). Potencializando benefícios e mitigando prejuízos no processo de aprendizagem com IA.

Quanto às percepções sobre o uso da IA, os estudantes apontaram benefícios significativos, como agilidade na realização das tarefas, acesso facilitado à informação, apoio na escrita e na tradução e inovação no processo de aprendizagem. Entretanto, também reconheceram desafios e riscos, incluindo a dependência tecnológica, a redução da criatividade e do pensamento crítico, além da dificuldade em avaliar a veracidade e a originalidade das informações geradas pelas ferramentas.

De modo geral, os resultados evidenciam que a IA tem se consolidado como aliada no processo de ensino-aprendizagem, desde que utilizada de forma crítica e orientada. Observa-se, portanto, a necessidade de formação docente continuada e de orientação



pedagógica sistematizada, para que o uso dessas tecnologias seja ético, reflexivo e integrado às práticas educacionais, potencializando o desenvolvimento cognitivo e crítico dos alunos.

A curadoria digital de conteúdo não é apenas uma tendência passageira, ela virou uma necessidade importante na educação nos dias de hoje, na era da informação. O seu papel principal é ajudar a organizar e transformar uma quantidade enorme de dados disponíveis na internet em recursos de aprendizagem que sejam relevantes e de qualidade. Faz de um aluno passivo de informações para um aluno curador de informações na qual pesquisa, seleciona e transforma aquele leque de informação em um único conhecimento aprimorado ao seu contexto, essa experiência permite a aprendizagem.

Quando o professor atua como um curador, ele reforça sua posição como alguém que orienta ativamente o estudante, indo além de simplesmente passar informações. Essa orientação dá ao aluno mais autonomia e o ajuda a desenvolver um olhar crítico diante do grande volume de informações que temos hoje. Para que a curadoria digital seja realmente integrada ao sistema de ensino, é fundamental investir na formação contínua dos professores, para que eles adquiram as habilidades necessárias para desempenhar esse papel tão importante além de ofertar oficinas que realmente mostre com clareza a funcionalidade de uma curadoria no ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Algoritmos, Aprendizagem, Curadoria Digital, Informação, Inteligência Artificial (IA).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. F.; NICOLAS, A. C. Inteligência Artificial e Práticas Pedagógicas: Desafios e perspectivas para a educação contemporânea. In. Anais do Congresso Nacional de Pesquisas e Práticas em Educação - **CONPEPE**, v. 3, n. 2, 2025.

BAKER, R. S.; SIEMENS, G. Educational data mining and learning analytics. In. SAWYER, R. K. (Ed.). The Cambridge Handbook of the Sciences. 2 ed. Cambridge: **Cambridge University Press**, p. 253-274, 2014.

BAKKER, P.; ROSS, T. Algorithmic Curation and the Shaping of Public Discourse. **Journal of Digital Media Studies**, v. 8, n. 2, p. 122-139, 2020.

BRUNO, A. R.; VIEIRA NETO, O. S. S.; MATTOS, C. G. Docências na Cultura Digital: emergências com as redes rizomáticas, a curadoria digital e a ciberinformação. **Journal of Social and Human Research**, 2 (2), 8-21, 2023.



CAVALCANTE, A. F.; SILVESTRE FILHO, I.; OLIVEIRA, V. J. Ciência e algoritmos: os desafios da inteligência artificial na construção do conhecimento. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, 14 (1), Curitiba, 2025.

EYSENK, M. W.; EYSENCK, C. Inteligência artificial x humanos: o que a ciência cognitiva nos ensina ao colocar frente a frente à mente humana e a IA. Porto Alegre: **Artmed**, 2023.

FAVA, R. IA Generativa na Aprendizagem: A quinta evolução cognitiva e seu impacto na educação. Petrópolis: **Editora Vozes**, 2025.

GABRIEL, M. Você, eu e os robôs: como se transformar no profissional digital do futuro. – 2. ed. – São Paulo: **Atlas**, 2021

KAUFMAN, D. Desmitificando a inteligência artificial. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2022.

MCCARTHY, J. *et al.* A proposal for the Dartmouth Summer Research Project on Artificial Intelligence, 1956.

MELO, C. F. S.; ANDRADE, A. N. Curadoria de conteúdos com a criação de mapas mentais: uma experiência com aplicativo Simplemind. Anais VIII Congresso nacional de Educação -CONEDU. Campina Grande: **Realize Editora**, 2022.

MELO, C. F. S.; SANTOS, C. M. A curadoria digital de conteúdo na práxis docente: da informação ao conhecimento, uma experiência com alunos do ensino médio. Anais do II Congresso Nacional de Pesquisas e Práticas em Educação – **CONPEPE**, v. 3, n. 1, 2025.

PAES, F. C. O.; CANDIDO, M. A. S. Curadoria de informações na produção de recursos pedagógicos de língua portuguesa com inteligência artificial. **Revista Linguagem em Pauta**, v. 5, n. 1, 2025.

SILVA, A. S. ALARCÃO, D. T. N.; FARIA, S. F. A inteligência artificial como facilitadora no ensino personalizado: potencialidades e desafios no contexto educacional brasileiro. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v. 11, n. 6, 2025.

TURING, A. Computing Machinery and Intelligence. *Mind Magazine*, v. 9, n. 236, p. 433-460, oct. 1950.

VICARI, R. M. *et al.* Inteligência artificial na educação básica. São Paulo: **Novatec**, 2023.

